

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS SERTÃO
UNIDADE ACADÊMICA SANTANA DO IPANEMA
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Manoel Silva dos Santos

**A importância cultural e econômica da vaquejada e a relevância do seu reconhecimento
como patrimônio cultural imaterial do Brasil.**

Santana do Ipanema

2017

Manoel Silva dos Santos

**A importância cultural e econômica da vaquejada e a relevância do seu reconhecimento
como patrimônio cultural imaterial do Brasil.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada no Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Economia.

Orientador: Prof. Msc. Maurício de Siqueira Silva.

Santana do Ipanema

2017

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Unidade Santana do Ipanema
Responsável: Rafaela Lima de Araújo

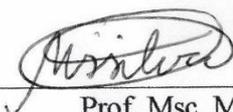
S237i Santos, Manoel Silva dos.
A importância cultural e econômica da vaquejada e a relevância do seu reconhecimento como patrimônio cultural imaterial do Brasil / Manoel Silva dos Santos
54f.
Orientador: Maurício de Siqueira Silva.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Alagoas. Unidade Santana do Ipanema. Curso de Ciências Econômicas Santana do Ipanema, 2017.
Bibliografia: f.53-54
Apêndice: f.45-50.
1.Vaquejada. 2. Patrimônio cultural imaterial. 3. Seminário. 4. Brasil
I.Título.

CDU: 33

Manoel Silva dos Santos

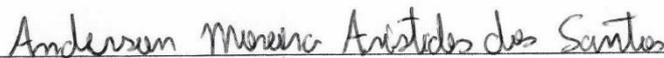
**A importância cultural e econômica da vaquejada e a relevância do seu reconhecimento
como patrimônio cultural imaterial do Brasil.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado no Curso de Ciências
Econômicas da Universidade
Federal de Alagoas, como requisito
parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Economia.

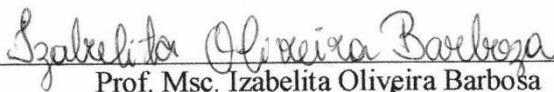


Prof. Msc. Maurício de Siqueira Silva

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Anderson Moreira Aristides dos Santos



Prof. Msc. Izabelita Oliveira Barboza

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão de curso a sociedade santanense e aos professores da unidade acadêmica de Santana do Ipanema da Universidade Federal de Alagoas que contribuíram para minha formação no curso de Ciências Econômicas. Além deles, os profissionais da área administrativa dessa mesma instituição.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para minha formação no curso de Ciências Econômica: os amigos e familiares que ajudaram de forma direta e indireta, os meus professores que contribuíram na construção do meu conhecimento e a sociedade em geral que contribuiu de forma indireta por meio de impostos que pagam para manutenção de instituições de ensino pública. Meus especiais agradecimentos são para os professores da Universidade Federal de Alagoas da unidade acadêmica de Santana do Ipanema e para o meu orientador Maurício de Siqueira Silva.

“Os problemas do sertão todos nós já estamos acostumados a enfrentar, já não nos assustam mais. O que mais dói é perceber que esses problemas ainda persistem, se renovam e se fortalecem, mesmo com a modernidade de nossos tempos atuais...”

Leandro Flores

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de demonstrar a importância econômica e social da vaquejada para o Nordeste brasileiro, principalmente no semiárido onde predomina e surgiu a vaquejada. No ano de 2016 surgiu uma polêmica envolvendo a vaquejada. Alguns setores defensores dos animais começaram a defender o fim do esporte alegando que o mesmo maltratava e torturava os animais, enquanto outros defendiam a sua regularização porque é tradição cultural e dinamiza a atividade econômica, milhares de famílias dependem diretamente e indiretamente da vaquejada. Gerou uma polêmica pelo fato de os dois direitos garantidos constitucionalmente estarem em confronto: o do acesso à cultura e o da proteção dos animais. Neste sentido, sabendo que o esporte hoje possui normas estabelecidas para que se respeite o bem-estar e a integridade física dos animais, e tendo consciência de que para muitas comunidades rurais e urbanas esta atividade representa uma importante fonte de renda, foi que surgiu o interesse de discutir sobre a importância da atividade para o semiárido brasileiro. Assim, para dar suporte e para trazer à tona as verdadeiras facetas desse esporte que ao nosso entendimento pode ser considerada uma atividade econômica ou até mesmo um arranjo produtivo, pois ao seu redor se estabelece toda uma cadeia produtiva de insumos, farmácias, cuidadores, casas comerciais e meios de comunicação distintos, elucidamos os regulamentos e normas desse esporte para que se tome conhecimento da real faceta do mesmo. Pelo fato de este tema ter pouco estudo no campo da economia, a metodologia adotada foi uma análise prévia de documento escrito, livros sobre a origem da vaquejada e notícias acerca do tema. Verificou-se que a vaquejada é uma tradição essencial para o Nordeste que adveio de uma atividade econômica no princípio do seu surgimento e ela é considerada popularmente como um patrimônio imaterial cultural. Esse esporte vaquejada mobiliza uma cadeia produtiva para atender a demanda que requer essa atividade esportiva a qual estimula a atividade econômica local.

Palavras chaves: vaquejada, patrimônio cultural imaterial brasileiro, semiárido brasileiro.

Abstract

This paper aims to demonstrate the economic and social importance for a Brazilian Northeast, mainly in the semiarid where the rodeo predominates. In the year of 2016 a controversy arose involving the rodeo. Some sectors that defend the animals begin to defend the end of the sport and that they mistreat and torture animals, others defend their regularization because it is a cultural tradition and dynamizes an economic activity, thousands of families depend directly and indirectly on the rodeo. It generated controversy because two constitutionally guaranteed rights were in conflict: that of access to culture and that of animal protection. In this sense, knowing that sport today has established standards for respecting the welfare and physical integrity of animals, and aware that for many rural and urban communities this activity represents an important source of income, the interest in discussing the importance of the activity for the Brazilian semiarid region appeared. Thus, to give support and to bring to the fore the real facets of this sport that to our understanding can be considered an economic activity or even a productive arrangement, because around it is established a whole productive chain of inputs, pharmacies, caregivers, commercial establishments and different means of communication, we elucidate the regulations and norms of this sport so that it becomes aware of the real facet of the same one. Due to the fact that the subject has little study in the field of economics, the methodology adopted was a previous analysis of a written document, books about the origin of the rodeo and news about the theme. It was verified that the rodeo is an essential tradition for the Northeast that came from an economic activity at the beginning of its emergence and it is considered an immaterial cultural heritage. This rodeo sport mobilizes a productive chain to meet the demand that requires this sport activity that stimulates the local economic activity.

Keywords: Rodeo, immaterial Brazilian cultural heritage, Brazilian semiarid.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	14
1.2 PROBLEMA	16
1.3 JUSTIFICATIVA	16
1.4 OBJETIVOS	16
1.4.1. Objetivo Geral.....	16
1.4.2 Objetivos específicos.....	16
2. ORIGEM DA VAQUEJADA	17
3. QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA	21
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22
5. ASPECTO CULTURAL.....	25
5.2 IDENTIDADE DO HOMEM DO NORDESTE, SERTANEJO, SEUS FESTEJOS E SUAS TRADIÇÕES.	29
6. A PRÁTICA DA VAQUEJADA CONFORME A CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988.....	33
6.1 FUNDAMENTO DA PROIBIÇÃO DA VAQUEJADA PELO STF	35
6.2 REGULAMENTO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE VAQUEJADA	36
7. CARACTERIZAÇÃO ECONÔMICA	39
8. CONCLUSÃO.....	44
REFERÊNCIAS	51

Lista de abreviatura e siglas

ABQM- Associação Brasileira de Quarta de Milho

ABVAQ- Associação Brasileira dos vaqueiros

ASSOVARN- Associação dos Vaqueiros Amadores do Rio Grande do Norte

ANQM- Associação Norte-Riograndense de Criadores de Cavalos Quarto de Milha

CF- Constituição Federal

STF -Supremo Tribunal Federal

Lista de tabelas

Tabela 1: População e registro de cavalos de raça Quarto de Milho por estados no ano de 2014 e 2015.....	40
Tabela 2: Quantidade de modalidades realizadas nos eventos no ano de 2015	42

Lista de Apêndice

Figura A: Principais atividades do vaqueiro na fazenda	45
Figura B: Vaqueiro puxando o rabo do boi.....	46
Figura C: Dupla de vaqueiros, um derrubador e outro batedor de esteira	46
Figura D: Vaqueiro derrubando o boi.....	47
Figura E: Puxador e batedor de esteira derrubando o boi	47
Figura F: Derrubada de boi no Parque Diamante, Inhapi-AL	48
Figura G: Parque de vaquejada Zequinha Chicote, Brejo Santo-CE.....	48
Figura H: Vaqueiro com seus trajes montado a cavalo.....	49

Lista de Anexo

Figura A: Rabo artificial do boi.....	50
Figura B: Bonés de apoio ao movimento da regularização do esporte vaquejada	50

1. INTRODUÇÃO

Na formação econômica do Nordeste do Brasil, segundo Furtado (1987) o litoral, a zona da mata e parte o agreste foi destinado para o plantio da cana de açúcar e enquanto isso a região do sertão ficou destinada para pecuária, principalmente a criação de gado. Por conta do clima desfavorável, a criação do gado era extensiva, solto na caatinga e exigia a atividade indivíduo para captura, recolhimento desses animais. Diante desse contexto, a história da vaquejada está atrelada ao clima e remota à época dos coronéis, pois no sertão nordestino o gado era criado livre na mata. Depois de meses soltos, os animais eram selecionados para serem ferrados e comercializados. Essa atividade compreendia o proprietário do gado que era geralmente coronéis, que eram fazendeiros, e os trabalhadores que exerciam atividades remuneradas nas terras dos fazendeiros. Alguns desses trabalhadores montados a cavalo desempenhavam a função de recolher o gado. Esses homens que recolhiam os animais ficaram conhecidos como vaqueiros os quais se embrenhavam na mata cerrada, perseguindo, lançando e guiando o rebanho. Esses animais soltos se reproduziam e os bezerros eram selvagens pelo fato de nunca terem mantido contato com o homem, dificultando a captura dos animais reproduzidos.

Nessas capturas, alguns vaqueiros se destacavam pela sua valentia e habilidade. Nesse contexto, surge a ideia de disputa entre eles para saber quem era o melhor vaqueiro, ganhando aquele que possuía mais habilidade e valentia nas capturas dos animais. O primeiro registro da vaquejada foi no final do século XIX e consistia em provas realizadas em fazenda e sítios, sem a presença de público e somente na década de 40 que a vaquejada foi aberta aos expectadores. A partir de 1980, começaram a estabelecerem regras e a distribuir prêmios aos competidores que ganhavam.

Há muitos anos que a vaquejada vem sendo praticada pelos nordestinos e seu primeiro registro foi no século XIX e no ano de 2016 houve uma polêmica no seu reconhecimento pelo Estado brasileiro como um patrimônio cultural e também sendo declarada pelo Supremo Tribunal Federal como inconstitucional a prática esportiva da vaquejada. A justificativa para a proibição foi argumento que a vaquejada causava sofrimento e maus tratos aos animais e esse fato feria a Constituição a qual garante a proteção aos animais.

A vaquejada é uma importante atividade econômica porque é um esporte que exige vários insumos, ou seja, estimula uma cadeia produtiva que é fundamental para a economia

local. Outro aspecto é o cultural, há mais de 100 anos que a vaquejada vem sendo praticada, possui símbolos, expressões como a linguagem, vestuários próprios, e grandes eventos são organizados oferecendo premiações e promovendo shows artísticos. Além disso, há a missa do vaqueiro que é um evento religioso e as cavalgadas, que são praticadas anualmente por maioria dos municípios do Nordeste, principalmente os do semiárido

A vaquejada juntos com seus eventos interligados, conforme a Associação Nacional de Quarto de Milha (2016), estimou-se que no Nordeste gera de forma direta 200 mil empregos e de forma indireta 600 mil empregos. As festas, os shows artísticos, a premiação oferecida nos eventos, a alimentação dos animais, os acessórios dos cavalos dentre outros elementos exigem mãos de obra que maior parte delas são contratadas localmente. Dessa maneira, mostra-se importante a vaquejada para a economia local porque fomenta a renda e o emprego. Há vários projetos de lei tramitando pelas assembleias legislativa do Brasil para regularizar o esporte e o congresso aprovou o reconhecimento no final do ano de 2016 da vaquejada como um patrimônio imaterial do Brasil. A vaquejada faz parte da identidade do Nordeste brasileiros pois a maioria dos nordestinos conhecem o esporte, já participou de eventos tais como a missa do vaqueiro, o esporte vaquejada ou shows artísticos, ou já ouviu alguma música descrevendo a vida do vaqueiro.

Este trabalho mostra-se como importante para sociedade porque apresenta como tema um patrimônio cultural imaterial do Brasil considerado popularmente pelos nordestinos e esse patrimônio foi reconhecido recentemente, no final de 2016, pelo o Estado Brasileiro. Outro ponto relevante social é a geração de empregos e de rendas para população, e também se ressalta que a esporte vaquejada é tipicamente do Nordeste e está se expandindo aos poucos e mobiliza uma indústria para produzir insumos desde a alimentação dos animais aos acessórios utilizados pelos mesmos para a disputas de eventos esportivos. Com proibição pelo Supremo Tribunal Federal em outubro do ano de 2016, a vaquejada gerou polemica porque iria gerar impacto negativo econômico e cultural para a sociedade já que há mais de cem anos vem sendo praticada pelos nordestinos. Por isso, este trabalho é essencial para demonstrar a relevância econômica e cultural que a vaquejada possui para a população, principalmente para os nordestinos do semiárido.

A metodologia adotada para esta pesquisa foi uma análise documental que consiste em reportagens eletrônica e sites essenciais que tratam do assunto. Textos acadêmicos tais como artigos e monografias foram também utilizados por este trabalho. Além disso, foi usado o

livro “a vaquejada nordestina e sua origem” do autor Câmara Cascudo como principal referência porque trata como surgiu a vaquejada. Este mesmo autor possui várias obras referentes a cultura no Nordeste e decidiu escrever um livro sobre a origem da vaquejada já que era muito comum no Nordeste. Outras fontes importantes foram sites específicos como o da associação dos vaqueiros e da associação quarto de milha entre outros por tratar desde tema essencial para o desenvolvimento da pesquisa por apresentar informações relevantes.

O capítulo 1 consiste na problemática do tema, na apresentação da justificativa do trabalho e nos objetivos. O capítulo 2 descreve a origem da vaquejada; o capítulo 3 e 4 é respectivamente o quadro teórico de referência e os procedimentos metodológicos. Já o capítulo 5 é sobre os aspectos culturais gerais e possui uma seção tratando sobre a entidade do homem do Nordeste, seus festejos e suas tradições com como enfoque principal a vaquejada. O capítulo 6 relata a prática da vaquejada conforme a Constituição explicando os direitos garantidos; os fundamentos da decisão da proibição da vaquejada pelo Supremo Tribunal Federal, ressaltando o direito de livre acesso à cultura e tradição, e também sobre o regulamento da associação dos vaqueiros do Brasil protege os animais. Outro ponto ressaltado por capítulo sete mostra a caracterização econômica da vaquejada para a economia local. Por fim, no capítulo oito, demonstra conclusão da pesquisa do trabalho

1.2 PROBLEMA

Obstáculos para o reconhecimento da vaquejada como patrimônio cultural e as características desse esporte.

1.3 JUSTIFICATIVA

Relevância econômica da vaquejada para o semiárido brasileiro, bem como sua importância cultural.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1. Objetivo Geral

Fazer uma análise da importância socioeconômico e cultural da vaquejada para o homem do Nordeste e para a dinâmica econômica.

1.4.2 Objetivos específicos

- Descrever a importância econômica e cultural da vaquejada;
- Analisar o reconhecimento da vaquejada para economia local e o projeto de lei que o regulariza;

- Investigar a relevância do esporte vaquejada para o Nordeste do Brasil;

2. ORIGEM DA VAQUEJADA

De acordo com Câmara Cascudo (1976), a vaquejada é a festa mais tradicional do ciclo do gado nordestino. Nenhuma outra data festiva tem a finalidade prática da apartação a qual era divisão do gado entre os fazendeiros. A vaquejada atual é uma competição de agilidade esportiva, exaltação de euforismo lúdico, independem dos processos normais da pecuária contemporânea.

Conforme este mesmo autor citado, o gado era criado em comum nos campos indivisos em junho, sendo inverno seguro, era conduzido para grandes currais, colocando-os na fazenda maior e de terreiros espaçosos. Dezenas de vaqueiros passavam dias campeando, reunindo o gado esperso pelas várzeas. O boi novilho atrevido ao som dos gritos ou da melopeia dos aboios era guiado para casa-grande.

Esse mesmo autor afirma que derrubar o animal pelo brusco puxão da cauda é a forma popular desde o México, em ambos os litorais americanos, coincidindo com a jurisdição cultural castelhana. A difusão não seria possível se a coleada fosse ameríndia. Os usos e costumes vulgarizados pela América, ilhas e continentes, invariavelmente vieram da Espanha; de Portugal, os do Brasil. As técnicas dos nativos não alcançaram jamais a espantosa disseminação funcional. Teriam área restrita de ação influenciadora.

A vaquejada, caracterizada pela saída, puxão pela saia, quebra-de-rabo, acredito ser de origem espanhola, conforme D. José Maria Cassio e D. José Daza, citados na carta do prof. Luís de Hoyos Sáiz. Não se transmitiu a Portugal, desapareceu na Espanha, mas reside nas terras da América entre as populações pastoris do antigo domínio colonial.

Conforme Câmara Cascudo (1976), os jovens da classe média e alta predominaram na para prática esportiva vaquejada:

Concorrem os jovens vaqueiros e em maioria absoluta fazendeiros moços, homens titulados pelas Universidades, médicos, engenheiros, advogados, agrônomos. Um ex-governador do Rio Grande do Norte, Dr. Silvio Piza Pedroza, foi derrubador aclamado. Os Drs. Roberto Varela e Moacir Tôrres Duarte, deputados jovens leaders políticos norte-rio-grandense orgulham-se do merecido renome nas grandes Vaquejadas Semelhantes cocote noutras regiões nordestinas. Viajam horas e horas de avião, às vezes pilotando-o como Roberto Varela, para uma puxada

espetacular, delirando de palmas. A Vaquejada tornou-se esporte da aristocracia. (CÂMARA CASCUDO,1976)

Conforme a ABVQ, na época dos coronéis, quando não havia cercas no sertão nordestino, os animais eram marcados e soltos na mata. Depois de alguns meses, os coronéis reuniam os vaqueiros para juntar o gado marcado. Eram as pegas de gado, que originalmente aconteciam no Rio Grande do Norte. Montados em seus cavalos, vestidos com gibões de couro. Estes bravos vaqueiros se embrenhavam na mata cerrada em busca dos bois, fazendo malabarismos para escaparem dos arranhões de espinhos e pontas de galhos secos. Alguns desses animais soltos na mata reproduziam-se no mato e os filhotes eram selvagens por nunca terem mantido contato com seres humanos. Esses filhotes eram os animais os mais difíceis de serem capturados. Mesmo assim, os bravos vaqueiros perseguíam, laçavam e traziam os bois aos pés do coronel. Nessa luta, alguns desses homens se destacavam por sua valentia e habilidade, e foi daí que surgiu a ideia da realização de disputas.

Foi nesse contexto que surgiu a vaquejada como forma de demonstrar a sua valentia e habilidade, realizando as disputas que no início somente os fazendeiros assistia a competição e logo em seguida foi aberto ao público. A primeira vaquejada ocorrida no mundo, foi na cidade de Morada Nova no Ceará. O Rio Grande do Norte é apontado como o estado que deu o primeiro passo para a prática da vaquejada. A cidade de Currais Novos é o berço das vaquejadas, onde a tradição é mantida até os dias atuais. O historiador Câmara Cascudo dizia que por volta de 1810 ainda não existia a vaquejada, mas já se tinha conhecimento de uma atividade parecida. Era a derrubada de vara de ferrão, praticada em Portugal e na Espanha, onde o peão utilizava uma vara para pegar o boi. Mas derrubar o boi pelo rabo, a vaquejada tradicional, é puramente nordestina. Na região Seridó do Rio Grande do Norte, mais precisamente no município de CURRAIS NOVOS onde tudo começou, era impossível o uso da vara, pois o campo era muito acidentado e a mata muito fechada, e por essa razão tudo indica que foi o vaqueiro seridoense o primeiro a derrubar boi pelo rabo. (ABVQ)

Em 1874 apareceu o primeiro registro de informação sobre vaquejada. José de Alencar escreveu a respeito da “puxada do boi no mato” no Ceará, porém reconhecia que não era algo novo e essa prática ocorria anteriormente. Provavelmente, nos estados vizinhos com aspecto econômico, cultura e social semelhantes também praticava a vaquejada. Há evidências que a prática da vaquejada advém antes de 1870, pois no Nordeste, desde a colonização, o gado foi sempre criado solto e as técnicas usadas semelhantes que ocorriam em Portugal e Espanha em que o peão derrubava o boi com uma vara para pegá-lo não era adequado para o cenário ambiental nordestino. O bioma nordestino, especificamente a caatinga, é exclusivo no mundo. Ficava difícil utilizar a vara e há indícios que antigamente, muito atrás de 1870, era por meio da puxada de rabo para capturar o boi.

No Nordeste, desde a colonização, o gado sempre foi criado solto. A coragem e a habilidade dos vaqueiros eram indispensáveis para que se mantivesse o gado junto. O vaqueiro veio tangendo os bois, abrindo estradas e desbravando regiões. Foram eles os grandes desbravadores do sertão nordestino, e muito especialmente do sertão do Seridó, região cheia de contos e lendas de bois e de vaqueiros. (ABVQ)

A vaquejada houve uma evolução que no início era uma atividade prestadora de serviço para os fazendeiros, a captura do boi. Posteriormente, passou a ser disputas já que para a captura do boi necessitava de habilidades. Diante disso sugeriram os primeiros eventos que eram realizados na fazenda fechado para público, poucas pessoas assistiam o espetáculo. A associação dos vaqueiros relata uma breve evolução dessa modalidade esportiva.

De 1880 a 1910: a prática era com a lida do boi, a apresentação nos sítios e fazendas. Não existia formalmente o termo Vaquejada. O Brasil vivia um momento de transição da Monarquia para a República. As músicas de Chiquinha Gonzaga estouravam nas paradas de sucesso. De 1920 a 1950: A ideia da festa da vaquejada começava a existir com as brincadeiras de argolas e corridas de pé-de-mourão. Nesse período, o temido Lampião costumava participar das festinhas com argolas, em fazendas de amigos. Na época destacavam-se, na música, Noel Rosa, Ari Barroso, e surgia um garoto chamado Luiz Gonzaga no Brasil republicano, onde brilhou a estrela de Getúlio Vargas. De 1960 aos anos 70: Começam a ser disputadas as primeiras vaquejadas na faixa dos seis metros. Ainda eram eventos de pequeno porte, em sua maioria festinhas de amigos, com participação mínima de vaqueiros. O Brasil vivia a época da ditadura. O forró de Luiz Gonzaga, Trio Nordestino, Marinês e outros animavam as festas. De 1980 aos anos 90: Mudanças nas regras da vaquejada. A faixa dos seis metros, que exigia força do vaqueiro, passou a ser de dez metros, cuja principal característica é a técnica. Começam a ser distribuídos prêmios para os competidores, mas o público ainda era pequeno. Época em que o País inteiro foi às ruas gritar pelas eleições diretas que foram consolidadas em 1988. (ABVQ)

Dos anos 90 até a atualidade, a vaquejada é encarada como um grande empreendimento. Os organizadores cobram ingressos para o público assistir as disputas e o vaqueiro é reconhecido como um atleta da pista. Junto com essa modalidade esportiva, surge outros ramos econômico atrelado a vaquejada, como é o caso das bandas musicais, os acessórios, medicamento, rações utilizadas pelos animais entre outras atividades que depende desse esporte.

A cada ano, a vaquejada vem se expandindo no Nordeste e demais outras regiões. Um dos fatos foi a criação de categorias aspirante, amador e profissional; fazendo com que todos que tenham vontade de acesso a participação. Outro fato foi a modernização e a adoção de técnicas que permite amenizar o sofrimento do animal e também o acompanhamento de especialista. Foram criados regulamentos que padronizam a vaquejada, os instrumentos e procedimentos a serem realizados nos eventos. Em todos os eventos oficiais, existe uma

fiscalização para saber se está seguindo o regulamento e aplica sanções caso infrinja as regras estabelecidas.

Alguns termos comuns usados na vaquejada e os seus respectivos significados são:

Abrir- desviar o cavalo; acamar cipó-cair do cavalo. **Apartação**- divisão do gado, outrora criado em campos indivisos ou devolutos, e subsequente entrega nas fazendas, depois da ferra, castração e assinalamento. **Acoitar**- puxar com violência, atirando a res ao solo numa queda fulminante, quase sempre motivada fatura ou morte. **Arrastar**- dar a puxada. **Bassoura**- cauda de bovídeo; **Bater com o chapéu na perna**- gesto tradicional de incitação ao animal perseguido; **Boi apadrinhado**- protegido, defendido, guardado por orações-fortes, impossibilitando a captura. **Correr**-perseguir a res. **Dar adeus com o rabo**- diz quando a res, correndo melhor que os cavalos, foge antes do vaqueiro poder segurar-lhe a cauda, sendo motivo de assobio e vaia. **Dar linha**- alcançar distância do perseguidor, afastar-se. **Dar tabaco**- o boi que arranca da mão do vaqueiro fugindo do terreiro sem haver sido derrubado. Deixou um cheiro do rabo na mão do cavaleiro que não o soube segurar. **Derrubar**- atirar a res só solo pelo puxão na cauda. **Embassourar**- segurar para arrastar. **Enrabar**- aproximar-se suficientemente para enrolar o rabo do animal na mão e dar a puxada. **Entubibar**- quando a perseguição ao boi, o derrubador e o esteira galopam confundidos um e outro disputando dar a puxada. **Esteira**- o vaqueiro da esquerda, batendo a res em possível linha reta evitando a fugida. **Esticar**- soltar o cavalo na corrida, ganhar velocidade, pegar-perna. **Estirar**- o mesmo que esticar. **Fazer esteira**- ajudar o derrubador, correndo à esquerda. **Fazer moitim**- res que em vez de correr defende-se, tentando chifrar os cavalos. **Fazer Piauí**- obrigar a res a deitar-se pela torção do rabo. **Fazer pantim**- negaças, reviravoltas, arremetidas, ameaça defensiva da res antes de formar-carreira. **Purar**- quando a res deixa o curral em carreira ponteira, carreiras-formadas, irresistível, evitando as manobras de atalhamento, e foge. **Ganhar o mato**- boi que foge sem ser derrubado, culpando-se o vaqueiro. **Gritar**- voz de excitação para o boi que, assustando-se, aumenta a rapidez da corrida, dando campo para grudar, enrolar e puxar. **Grudar**- aproximar-se da anca do boi, tomar contato, correr junto. **Lamber embira**- decepcionar-se, desiludir-se, nada conseguir. **Levantar poeira**- derrubar o boi em queda estrepitosa. **Levar féde**- escapando o boi, incólume, ganhando o marmeleiro, dizem que os vaqueiros levaram féde. **Limpar**- deus limpa... o boi que os vaqueiros não conseguiram tocar, alcançando outro curral ou fugindo. **Maçaroca**- extremidade da cauda onde há um floco de cabelos. **Mocotó passou**- quando a res caindo, revira as quatro patas no ar. **Mucica**- puxada, saíada, arrasto. Vocabulo tupi, mô-cyca, significando fazer chegar, puxar para si; o puxão no rabo do bicho para derrubá-lo. **Quebrar o patuá**- derrubar animal famoso pela invulnerabilidade, tido como apadrinhado, isto é, defendido, protegido por orações fortes. **Rabada**- cauda, parte traseira. **Sai**- cauda de bovino. **Saiáda**- puxão pela saia, mucica, arrasto, puxada. **Saiador**- bom vaqueiro, quem melhor derruba gado. **Tirar**- correr, relativo ao cavalo; cair, referente ao touro. **Aboiador**- vaqueiro que bem aboia. **Acerar**- atalhar. Ato do vaqueiro ajudar o outro. **Boina pista**- correndo. **Bate-sola**- pequena vaquejada. **Jiqui**-corredor de onde parte o boi. **Tomar porteira** – impedir a fuga. (CÂMARA CASCUDO,1976).

Esses são alguns termos culturais referentes à vaquejada, somente quem faz parte ou conhece essa tradição vai entender as expressões usadas. Essas expressões são um dos fatos que comprovam que a vaquejada possui características suficientes para ser considerado como um patrimônio cultural imaterial. Além das expressões próprias, a vaquejada é uma tradição, há mais de um século que existe, possui valores próprios e foi um fato histórico que deu origem a essa modalidade esportiva. Ao longo do tempo, foi modificando alguns traços, tais

como a ausência de preocupação no início da origem com os maus tratos, e atualmente há regulamentos e muita preocupação com a proteção dos animais.

3. QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

Revisão bibliográfica sobre as temáticas: vaquejada, patrimônio, aspectos econômico-cultural. A bibliografia principal foi a do livro “a vaquejada nordestina e sua origem” do autor Câmara Cascudo e outra obra importante foi a formação econômica brasileiro do autor Celso Furtado.

Utilizou-se também notícias do site da Associação Brasileira de Quarta de Milho que forneceu dados e informações sobre o animal Quarto de Milho que é uma raça de cavalo demanda pela vaquejada. O site da Associação dos Vaqueiros Amadores do Rio Grande do foi outra fonte de informação que mostra estimativa do impacto na cadeia produtiva somente no Rio Grande do Norte caso a vaquejada fosse proibida, e também estima o impacto no Nordeste na geração de empregos diretos e indiretos. Já o noticiário do G1 consiste em informação da decisão polêmica do Supremo Tribunal Federal sobre a proibição da vaquejada em 6 de outubro de 2016 onde declarou inconstitucional a lei 15.299/13 do Ceará e proibi para os demais estados vaquejada.

O site Migalhas foi outra fonte de referência do quadro teórico desde trabalho, mostrando a estimativa econômica sobre a proibição da vaquejada. Essa fonte de informação estima a movimentação de renda nas localidades periféricas do Nordeste, os empregos diretos e indiretos na economia local.

Uma outra informação essencial foi o regulamento sobre o esporte da vaquejada disponível na internet que consiste em regras a serem seguidas pelos os eventos da vaquejada. Esse regulamento estabelece padrões e critérios a serem seguidos pelos eventos, caso contrário, serão punidos os que infringiram as normas.

Os trabalhos acadêmicos foram importantes também para pesquisa pois a descrição das características da cultura e da tradição foram essenciais para este trabalho. Um desses artigos compreende informações sobre festas culturais, a tradição, as comidas e as celebrações e já outro retrata a cultura do vaqueiro no sertão e as músicas deles. Conforme Câmara Cascudo (1976), a vaquejada é um festejo que representa a cultura de um povo. Já uma monografia do autor Thomas de Carvalho sobre a polêmica da vaquejada relacionada à

manifestação das culturais populares e o crime de maus-tratos contra os animais foi essencial referência para este trabalho

Um artigo muito importante utilizado como referência foi aquele que continha comentário sobre a prática da vaquejada conforme a Constituição de 1988 a qual garantia o direito de acesso à cultura e tradição e também a proteção de animais contra os maus-tratos. Esses dois direitos ficaram em confrontos e gerou polêmica relacionado ao tema e os ministros do Supremo Tribunal Federal decidiram por meio de votação disputada a proibição da prática da vaquejada e declarou inconstitucional uma lei do estado do Ceará que regulamentava o esporte.

A decisão do STF foi temporária e a decisão definitiva ficou para a competência do congresso nacional para decidir sobre a permanência da proibição ou a regulamentação da vaquejada como um patrimônio histórico e que seja lícita a sua prática.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por ter poucos estudos no âmbito da economia acerca do tema escolhido, foram utilizados os critérios metodológicos de análise prévia do documento escrito e, por fim, apresentamos as etapas da análise documental, em especial as notícias acerca da vaquejada.

De acordo com CELLARD (2008), o uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que deles podemos extrair, resgatar e justificar o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural. Por exemplo, na reconstrução de uma história vivida.

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008: 295).

A pesquisa documental é um procedimento metodológico decisivo em ciências humanas e sociais porque a maior parte das fontes escritas – ou não – são quase sempre a base do trabalho de investigação, neste sentido, CÂMARA CASCUDO é um documento importante para essa pesquisa, pois é a referência bibliográfica mais relevante para a

investigação da vaquejada, no entanto, o foco do livro é o aspecto cultural e da identidade que não deixa de ser também parte dessa pesquisa, mas o foco aqui também é econômico.

Neste sentido, outra justificativa para o uso de documentos em pesquisa é que ele permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social. A análise documental favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros. (CELLARD, 2008)

Assim, para essa pesquisa, foram acessados os sites que constam informação sobre o esporte da vaquejada. O site da Associação Brasileira dos vaqueiros (ABVAQ) relata a origem da vaquejada e sua dimensão econômica, há entrevista com empresários cujos empreendimentos dependem da vaquejada e também mostra estimativa de movimentação financeira e geração de emprego que esse esporte gera. Outra informação contida na matéria é o dinamismo econômico que atinge a economia local do semiárido.

Outro site essencial foi o da Associação Brasileira de Quarta de Milho (ABQM) que consta que os cavalos da raça de Quarto de milho são demandados por conta da adaptação à vaquejada e mostra os dados e a movimentação econômica somente da raça que é utilizado em vários esportes conforme os dados fornecidos pelo site por meio de tabela.

Outra informação é referente ao site da Associação dos Vaqueiros Amadores do Rio Grande do Norte (Assovarn) que mostra estimativa do impacto na cadeia produtiva somente no Rio Grande do Norte caso a vaquejada fosse proibida, e também estima o impacto no Nordeste na geração de empregos diretos e indiretos. Essa associação estima que há uma indústria econômica em torno do esporte da vaquejada.

O jornal eletrônico foi outro método utilizado nesse trabalho e consta informações sobre a polêmica da proibição do Supremo Tribunal Federal (STF) da modalidade esportiva rodeio e vaquejada. Demonstra que há dois direitos garantidos na Constituição que estão em confronto: o direito a proteção dos animais e o direito a manifestação cultural e de tradição. Parte dos ministros (seis) considerou o esporte como uma prática inconstitucional e outra parte (cinco) deles defendeu o esporte vaquejada assim como o rodeio como um patrimônio imaterial cultural. Em vários sites, tinha informação sobre essa polêmica, esclarecendo o motivo da decisão do STF. O jornal da G1, por exemplo, traz uma reportagem sobre a decisão

do STF de considerar a prática de vaquejada como inconstitucional, justificando a decisão dos votos a favores e dos contras.

Já o site Migalhas demonstra estimativas dos impactos sobre a proibição da vaquejada. Ele mostra a estimativa de movimentação de renda na localidade periférica do Nordeste, os empregos diretos e indiretos na economia local. Outro ponto ressaltado é a comprovação que é uma tradição porque há mais de cem anos vem sendo praticada.

Um documento importante que consiste em informações sobre o esporte da vaquejada e regras estabelecidas para evento oficial é o regulamento da associação dos vaqueiros. Esse regulamento estabelece padrões e critérios a serem seguidos e caso sejam infringidos, serão aplicadas sanções. Com isso, ameniza os maus-tratos contra o animal e também o regulamento exige profissionais para fiscalizar e proteger os animais.

Os Artigos acadêmicos foram importantes para pesquisa pois o conceito de cultura e tradição foram essenciais para este trabalho. Diante desses artigos, percebe-se que a vaqueja possui características comuns a um patrimônio cultural e um desses artigos aborda a questão da diversidade cultural do Nordeste brasileiro. Outros aspectos considerados foram os fatos sociais que influenciam a cultura e conforme um desses artigos, um desses fatos são os meios de produção, a política e o fator climático. Diante dessa informação, a vaquejada possui as características indispensáveis para se caracterizar como uma cultura e fica evidente que pode ser considerado um patrimônio cultural do Nordeste. É importante ressaltar que no final do ano de 2016, a vaquejada é reconhecida pelo Estado brasileiro como patrimônio cultural imaterial, que antes era apenas considerado pelo povo.

Nesta pesquisa acadêmica, foram utilizadas reportagens e notícias, como não há dados oficiais sobre o emprego neste setor, eles se mostram relevantes para que se tenha uma prévia dimensão dessa cadeia da economia para essa região menos desenvolvida que as demais do país, que geralmente necessita de oportunidades de trabalhos e de atividades culturais. Nesse caso, a vaquejada traz dinamismo econômico para essas regiões periféricas economicamente. Sabe-se que o sertão é a região do Nordeste menos desenvolvida economicamente e a vaquejada é predominante justamente nesta região.

Assim, é notável que essa modalidade esportiva e cultural da população é de suma importância para a região, principalmente a do sertão nordestino. Além disso, é uma cultura genuinamente do Nordeste que está em expansão pelo Brasil. No ano de 2016, segundo a da

associação Norte-Riograndense de Criadores de Cavalos Quarto de Milha (ANQM) em entrevista com empresários do ramo, estimou-se que a renda gerada seria de R\$ 14 bilhões. Esse valor é significativo para o dinamismo econômico da região.

5. ASPECTO CULTURAL

Cultura é um conjunto de hábito e costumes construídos socialmente, que fornece traços de identidades, incentivando a diferenciação dos demais diversos grupos sociais. No decorrer do tempo, esses grupos podem sofrer modificações em uma dinâmica constante, promovida por detalhes internos e ou externo. O Nordeste brasileiro compreende uma diversidade cultural e vários autores descreve sobre essa região do Brasil. É indispensável mencionar que a cultura está atrelada ao modo de produção, ambiente, fatos políticos e históricos. Fica, portanto, evidente que a vaquejada é uma cultura de entretenimento para os nordestinos porque apresenta todas as características mencionadas no conceito de cultura.

Euclides de Cunha (1985) na sua obra “Os Sertões” narra a Guerra de Canudos, descrevendo os elementos da paisagem do Nordeste e dos nordestinos que ganharam muita relevância. Essa descrição era da paisagem física de seus elementos da fauna e da flora e também das características físicas dos nordestinos. Essa obra foi a fonte para os demais escritores e até o momento é utilizada como base de discussão dessa região.

Uma das culturas que predomina o Nordeste é a vaquejada a qual foi resultante de uma atividade econômica e se transformou num esporte. Por conta do semiárido e da precariedade econômica no tempo passado, o gado era criado solto na caatinga e com pouca divisão de propriedade. Os animais filhotes que eram bravos por conta do pouco contato com o homem, e o fazendeiro necessitava dos serviços de alguns homens com habilidades para a captura desses animais. Esses alguns homens eram denominados de vaqueiro que tradicionalmente é uma identidade do sertão nordestino. Ressalta-se que criação de gado era o principal elemento da economia sertaneja.

Euclides da Cunha (1985) também descreveu o vaqueiro como um modelo diferenciado na formação do povo brasileiro. Ele identifica esse vaqueiro como originário do índio e do colonizador branco, desenvolvido por meio dos anos um caráter, uma personalidade muito forte com características dos dois elementos. É indispensável saber que

o caminho percorrido na ocupação do território nordestino pelo agreste, e principalmente o sertão, foi feito pela condução do vaqueiro.

Segundo Celso Furtado (1987), cultivo da agricultura no Nordeste brasileiro constituiu-se desde os primórdios da ocupação do interior em produção dependente e de pouca renda no sertão. A agricultura no sertão restringia-se a pequenos roçados, que era no início cultivado pelos próprios vaqueiros, por sua família ou por agregados da fazenda. Por isso, os donos das fazendas não se preocupavam em enviar alimentos para os trabalhadores em localidades de pasto mais distantes.

O cotidiano do vaqueiro era basicamente a atividade de cuidados com a criação do gado e às relações familiares. Os fazendeiros no geral moravam em cidades do interior próximas de suas propriedades e dedicavam-se a outras atividades econômicas e políticas. O vaqueiro cuidava a maior parte do tempo da fazenda e possuía autoridade sobre os outros trabalhadores da fazenda. Ele cuidava do gado desde o período mais chuvosos, nos invernos, o qual favorecia uma boa produtividade como a produção do leite, da carne para consumo e venda. Também cuidava nos períodos de secas, que necessitava de ajuda para alimentar em pedaços de cactáceas, do gado.

O gado era criado solto para facilitar o trabalho do vaqueiro que passa o dia montado a cavalo percorrendo as extensões da propriedade, verificando a morte ou o aparecimento de alguma rês que não faz parte da criação da fazenda. O vaqueiro percorria grandes distância, recolhendo as reses que fugiam e debandaram na caatinga fechada por espinhos e gravetos pontiagudos. No período de inverno, o gado era conduzido para as fazendas separando os bezerros, ordenando as vacas e a família do vaqueiro produzia queijos e coalhadas. Ainda nessa época, consertam as cercas, reconstroem currais, reformam a casa entre outras tarefas. Uma das atividades do vaqueiro que era a marcação e a domaçaõ de alguns novilhos bravios requeriam trabalho duro e habilidade.

Na época de seca, o tempo é o mais difícil para o vaqueiro como para o gado, porque nem sempre é possível migrar o gado o qual passa a se alimentar com a ajuda do vaqueiro que se utiliza da vegetação mais abundante na região nesse período, os cactáceos que são os cactos, macambiras, xique-xiques e palmas. Esta última vegetação é a predominante e eram preparados para serem consumidos na criação do gado e ainda hoje é comum famílias

plantarem essa vegetação como reserva de alimento para o gado no período de escassez de água no sertão. Ressalta-se que essa vegetação é adaptável ao clima do semiárido.

No decorrer dos anos, o sistema de remuneração do vaqueiro foi modificado nas relações de trabalho. No sistema mais antigo, o vaqueiro poderia ter a sua própria criação, criando seu gado muitas vezes junto ao de seu patrão, que se segundo Correia de Andrade este sistema vem sendo substituído pelo pagamento de salários aos vaqueiros.

Por conta da atividade do vaqueiro, sugeriram festas tradicionais que tem vínculo com seu trabalho e o seu cotidiano. Algumas dessas festas são a missa do vaqueiro, a cavalgada e a vaquejada. Essas festas populares no campo estão na maioria das vezes ligadas à herança do antigo sistema de produção e às relações de trabalhos em determinados períodos, aquelas que se acrescentam as crenças religiosas e o poder político local. As festas dos vaqueiros estão relacionadas com ciclo do gado na região.

Não há registro exato da origem da missa do vaqueiro, os registros advêm de histórias orais do interior do Nordeste. O ritual da missa é a homenagem a algum vaqueiro morto e querido na região, independente de como ocorreu sua morte, natural ou por acidente de trabalho. Esse festejo, no início da manifestação, é realizado como objetivo de abençoar os vaqueiros e velar pelos outros vaqueiros já mortos. Os vaqueiros defronte do altar, em praça pública, organizam-se montados nos seus cavalos e rezam conforme o andamento da missa. Ao final, podem sair em cavalgada pela cidade ou também participar de um concurso de aboiadores. No final do dia, há a parte profana da festa como bebidas, forró entres outros elementos não sagrados.

Segundo Câmara Cascudo (1976), a Festa de Vaqueiro é uma extensão da missa, sendo que dura mais tempo, e tem mais atrativos, tais como corrida de páreo, corridas de argolinhas e concurso de aboiadores. Essa festa faz um percurso na cidade com os vaqueiros montados a cavalos, cantando e ingerindo bebidas e no final do dia forró.

Já a vaquejada configura-se em festa mais importante das realizadas em torno da figura do vaqueiro, tem origem nas antigas vaquejadas, pegas de boi, corrida de mourão.

Conforme Euclides da Cunha, a vaquejada acontece após a reunião de vaqueiros das proximidades que tem que pegar o gado espalhado dentro da caatinga e depois conduzi-los para os espaços abertos já reservados para a chegada do gado perdido. Ele demonstra a

dificuldade em cercar e conduzir o gado que há muito tempo que está perdido na mata. O trabalho é difícil e perigoso, que depende da habilidade do vaqueiro e da revolta da rês. O vaqueiro que tivesse um desempenho melhor difundia-se a fama na região como um vaqueiro excelente.

Não registros exatos da data na qual a vaquejada se tornou popularmente conhecida, mas se sabe que os vaqueiros de várias partes do Nordeste em meados de 1940 começaram a tornar pública suas atividades de Corrida de Mourão, que começou a ser um esporte popular na região do Nordeste. Essa tradição no decorrer do tempo foi sendo notada pelos fazendeiros que perceberam que naqueles dias de pega de boi havia uma enorme agitação na região. Desde então, começou-se a oferecerem-se prêmios aos melhores vaqueiros e a organização de eventos ficou mais estruturados com datas marcadas.

De acordo com Câmara Cascudo (1984), a vaquejada no decorrer do século XX é a maior manifestação do ciclo do gado e passou a de organizar melhor, criando regras e oferecendo prêmios. Dessa forma, atraiu mais ainda o público e chegou a década de 90 como uma grande festa popular do sertão. Atualmente, são grandes festas com shows de bandas de forró famosas e artista de música sertaneja, assumindo um estilo semelhante de country norte-americano com a semelhança de cavaleiros.

Um dos elementos que faz parte da cultura do vaqueiro é o aboio que é o canto de trabalho utilizado para tocar a boiada durante a migração, durante as apartações. Há também o aboio de roça referente ao trabalho nas plantações no semiárido entoado durante a bata do feijão e do milho. Outro registro de manifestação é a toada como expressões que fazem parte do universo cultural do sertão. Essa toada é uma série de versos elaborados e entoados em ritmo e tem forma muito aproximada dos versos e estrofes dos cordéis.

Segundo Câmara Cascudo (1984), duplas formadas por vaqueiros utilizavam o aboio e a toada, raramente repentes ou emboladas, produzindo uma associação íntima destes dois cantos, intercalando as duas expressões populares. As primeiras gravações desses cantores foram a partir da década de 70 e eram geralmente compostas por vaqueiros de profissão que passaram a ganhar a vida como o trabalho em dupla, em feiras, festas, vaquejadas, festas de vaqueiros difundidas por todo o Nordeste. Esses artistas percorriam todo o sertão nordestino cantando suas composições e havia outros cantores para animar as festas geralmente ligada aos vaqueiros como é o caso do ritmo forró.

5.2 IDENTIDADE DO HOMEM DO NORDESTE, SERTANEJO, SEUS FESTEJOS E SUAS TRADIÇÕES.

O termo tradição adveio de um significado religioso que era a doutrina ou prática transmitida de século para século. O seu sentido se expandiu, significando elementos culturais presentes nos costumes e nas artes. Em sentido simples, a tradição é um produto do passado que continua aceito no momento presente.

Para sociologia, a tradição tem a atribuição de preservar costumes e práticas que já demonstraram ser eficazes no passado. Para Weber, a tradição são atitudes que os indivíduos tomam em sociedade e são orientadas pelo hábito, pela noção de “sempre foi assim”. O comportamento tradicional seria uma forma de dominação legítima, uma maneira de se influenciar o comportamento de outros indivíduos sem o uso da força.

Segundo a visão clássica na ciência social afirma que a tradição teria dificuldade em acompanhar as mudanças, mas à medida que o liberalismo se expandia no Ocidente, os comportamentos tradicionais perdiam aos poucos o seu espaço. Essas tradições teriam enfraquecidos com a industrialização, dando lugar mais ainda para a ciência e para técnica. Esse fato percebe-se no início do século XX quando o Brasil estava no processo de industrialização e as culturas do Nordeste deixaram de ser apreciadas aos poucos. As tradições nordestinas foram enfraquecidas por conta da industrialização do Sul onde era o foco das políticas públicas.

Com as mudanças ocorridas por causa da industrialização, as tradições evoluem e se transformam para se adaptar as necessidades de cada sociedade. Na medida em que a sociedade se moderniza, a tradição suporta a mudança social por meio da readaptação e modificação de detalhes, pois nenhuma sociedade se transforma radicalmente. O exemplo disso é o estilo musical do forró que antes representado por Luiz Gonzaga a letra da música era voltada para realidade. Atualmente, o estilo forró não tem essa finalidade realista das letras das músicas e sofreu algumas alterações no estilo musical para permanecer na tradição.

Tradição é o conjunto de práticas, seja de natureza real ou simbólica, regulado por regras aceitas pelos grupos, objetivando desenvolver valores e normas de comportamentos na mente e na cultura das pessoas. Esse processo se dá por meio da repetição constante dessas práticas. Ela tem a função de legitimar determinados valores por meio da repetição de ritos

antigos que dariam uma origem histórica a determinados valores que devem ser aceitos por todos.

É indispensável ressaltar que as festas culturais são traços de um conjunto de etnográfico da história e dos valores de todos os povos, abrangendo todas as classes sociais. Outro ponto importante é que as misturas étnicas entre negro, índio e branco resultaram numa base etnográfica comum a todo território. As manifestações culturais são representadas pelo povo, sendo uma forma subjetiva que um determinado grupo de pessoas encontra para expressar o seu pensamento. Essas manifestações são uma característica forte da vaquejada, pois é uma atividade realizada potencialmente por pessoas de classe pouco abastada e com o tempo foi tomando adeptos de classes mais ricas.

As festas e comemoração populares sempre fizeram parte da história do homem e é por meio dessas manifestações que a sociedade torna comum a honra ou rememoração de personagens, símbolos ou acontecimentos com os quais ela se identifica. Essas festas são momentos sociais que os homens reafirmam e pratica a sociabilidade de valores, se harmonizam e constroem suas identidades sociais. A vaquejada possui esse período de sociabilidade de valores como é o caso da missa do vaqueiro, cavalgadas e o esporte vaquejada que é uma tradição praticada anualmente. Esses festejos populares consistem em práticas do passado que chegam ao presente, revelando aspectos culturais que identificam o lugar por meio dos traços simbólicos. A cultura da vaquejada é identificada por várias maneiras: o vestuário do vaqueiro e o modo expressão, festejos, músicas.

As práticas de natureza rituais ou simbólicas, por meio da repetição, apontam certos valores e normas que dão continuidade em relação ao passado. No momento com a crescente globalização, a preservação, revitalização e promoção do patrimônio cultural de diferentes regiões têm sido essenciais para valorização das culturas locais, contribuindo de tal forma para o fortalecimento das identidades.

O regionalismo naturalista começa a perder seu lugar com o advento da modernidade brasileira. As transformações nas relações sociais e de espaço no país conduz inevitavelmente a um outro pensamento sobre a concepção de “região”, abrindo a perspectiva para uma nova forma de regionalismo. Neste sentido, a vaquejada como a missa de vaqueiro traz consigo todo esse aparato lúdico e tem sua representatividade na maior e mais procurada festa da região do sertão Central de Pernambuco, a Missa de Vaqueiro de Serrita. Antes a vaquejada

era centralizada apenas no semiárido do Nordeste e atualmente está difundida em toda parte da região nordestina e também em outras localidades no Brasil, ou seja, o Nordeste é a localidade predominante dessa cultura, mas também são difundidas pelas demais regiões.

Qualquer localidade, região ou nação é constituída por uma realidade variada de vidas, história, hábitos e costumes. Na região do Nordeste brasileiro não foi diferente e correram esses fatos.

O Nordeste não é um fato inerte na natureza. Não está dado desde sempre. Os recortes geográficos, as regiões são fatos humanos, são pedaços de história, magma de enfrentamentos que se cristalizaram, são ilusórios ancoradouros da lava da luta social que um dia veio à tona e escorreu sobre este território. O Nordeste é uma espacialidade fundada historicamente, originada por uma tradição de pensamento, uma imagística e textos que lhe deram realidade e presença. (ALBUQUERQUE JR, 2009).

A formação de uma unidade territorial não ocorre de uma forma ordenada. Ela ocorre dentro de um processo fragmentário que só se torna coeso por meio do ideário regionalista. Para que o Nordeste se constituísse numa unidade imagética foi necessário que antes inúmeras práticas e discursos do Nordeste surgissem de maneira dispersa para serem reunidas num momento posterior. Esta formação na região nordestina nas primeiras décadas do século XX ocorreu mediante discurso e imagens, influenciada pelos fatos históricos e econômicos do Brasil. Um desses fatos essenciais foi a decadência da economia agrária nordestina, especificamente a açucareira. Já no caso da vaquejada, surgiu de forma fragmentada por conta de aspecto econômico, de ambiente e políticos.

De acordo com Celso Furtado (1987), o Estado protegia a economia açucareira desde a entrega da sesmaria, que a entrega de terras de maior fertilidade para os que queriam construir engenhos. O governo estimulou de várias formas de isenções fiscais e suspensões de dívidas. Esses incentivos deixaram a evidência do apoio da Coroa Portuguesa aos produtores de açúcar brasileiros.

Para o mesmo autor citado, com a independência do Brasil, a força da elite rural-açucareira nordestina declina diante de nova conjuntura econômica internacional e nacional. Essa elite econômica brasileira se viu ameaçada pelo melhor preço do açúcar no mercado mundial e pelo próprio sucesso da nova experiência agrícola interna de produção do café.

A produção cafeeira desencadeou dois fatores. O primeiro foi a maior capacidade de geração de recursos, agindo em prol da atração das províncias dos cafeicultores sobre a mão-de-obra escrava existente no Nordeste. O segundo fator foi o favorecimento da política protecionista pelo governo aos cafeicultores. As vantagens de lucro do café sobre o açúcar ao longo do século XIX transformou o Sudeste numa região capitalista e ficou adiante ao Nordeste onde foi o lugar que iniciou a atividade econômica.

A produção cafeeira possibilitou um acúmulo de capital que foi usado no início do processo de industrialização brasileira no começo do século XX. Ressalta-se esse processo destacou a participação dos emigrantes que advieram da lavoura de café. Com a industrialização, o Sudeste consolida a economia perante as demais regiões do Brasil.

O Nordeste surge como reação às estratégias de nacionalização que esse dispositivo da nacionalidade e essa formação discursiva nacional-popular põem em funcionamento; por isso não expressa mais os simples interesses particularistas dos indivíduos, das famílias ou dos grupos oligárquicos estaduais. Ele é uma nova região nascida de um novo tipo de regionalismo, embora assentada no discurso da tradição e numa posição nostálgica em relação ao passado. O Nordeste nasce da construção de uma totalidade político-cultural como reação à sensação de perda de espaços econômicos e políticos por parte dos produtores tradicionais de açúcar e algodão, dos comerciantes e intelectuais a eles ligados. Lança-se mão de topos, de símbolos, de tipos, de fatos para construir um todo que reagisse à ameaça de dissolução, numa totalidade maior, agora não dominada por eles: a nação. Unem-se forças em torno de um novo recorte do espaço nacional, surgido com as grandes obras contra as secas. Traçam-se novas fronteiras que servissem de trincheira para a defesa da dominação ameaçada. Descubrem-se iguais no calor da batalha. Juntam-se para fechar os limites de seu espaço contra a ameaça das forças invasoras que vêm do exterior. Descubrem-se “região” contra a “nação (ALBUQUERQUE JR, 2009).

Alguns acontecimentos contribuíram de forma decisiva para a elaboração discursiva da região nordestina. Entre eles, a seca de 1877-79 que foi a primeira vez que este fenômeno natural passa a ter repercussão nacional por meio da imprensa. A seca atingiu fortemente os proprietários de terra, fazendo-os a reivindicar por recursos frente ao governo federal por meio dos deputados os quais queriam tratamento equivalente ao que era dado aos proprietários do Sul. Em decorrência disso, foram criados órgãos contra a seca.

Diante desse processo de “ordenação simbólica” da região do Nordeste, ressalta a importância extrema da cidade de Recife onde além de centro comercial e exportador da época, era o centro médico, cultural e educacional do Norte. Essa cidade, conforme Albuquerque Jr (2009), atrai grande parte dos filhos de grupos dominantes dos Estados circunvizinhos para realizarem seus estudos. Recife foi o lugar onde vários intelectuais de destaque nacional se formaram e também foi esta cidade onde se deu no ano 1924 a fundação

do Centro Regionalista do Nordeste, sendo um marco essencial para consolidação discursiva da região. Esse Centro tinha o propósito de apoiar os movimentos políticos que almejavam desenvolver a moral materialmente o Nordeste e defendia os interesses da região de forma solidária. Esse Centro foi o berço do Movimento Regionalista do Recife, de caráter cultural e artístico e objetivava resgatar e preservar as tradições nordestinas.

Recife também se destacava nesta época por ser um centro jornalístico da região. Essa cidade era a principal formadora de opinião pública de uma área que abrangia entre Alagoas e Maranhão. O Diário de Pernambuco era o jornal mais antigo ainda de circulação na América Latina e foi nesse período que o jovem sociólogo Gilberto Freyre que começou a articular as ideias que se transformaram nos alicerces do próprio Centro Regionalista do Nordeste.

A fundação de uma identidade regional nordestina se baseou na tradição. A globalização do mundo pelas relações sociais e econômicas capitalistas estabeleceu grandes fluxos culturais nas primeiras décadas do século XX que influenciou o enfraquecimento da cultura regional do Nordeste. Por conta das políticas focado no Sudeste, não havia muito estímulo a cultura do nordestino, a vaquejada ficou bem conhecida a partir da década de 90. No primeiro momento, a globalização enfraqueceu as culturas locais e posteriormente ajudou na expansão dessas culturas por meio do incentivo e movimento de grupos que defendem a sua entidade mais a combinação com veículo de comunicação que possibilitou mais ágil a propagação.

6. A PRÁTICA DA VAQUEJADA CONFORME A CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988

O esporte vaquejada no âmbito jurídico consiste numa polêmica, uns são a favor a modalidade esportiva e outros contras. Esses dois grupos possuem aparato constitucional. Os defensores afirmam que ela é um elemento arraigado na cultura nordestina e é amparado pelo disposto no art. 215, § 1º, da Constituição Federal, que diz que “o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” e que “o Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”. Os contra a essa atividade esportiva alegam como justificativa o art. 225, § 1º, VII, segundo o qual incumbe ao Poder Público proteger a

fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais à crueldade.

Esse tema é polêmico porque a Constituição compreende dispositivos, direitos, que provoca essa dualidade. Esses dispositivos se encontram no art. 215, § 1º, da Constituição Federal, defendendo que a vaquejada é uma manifestação das culturas populares; e também no art. 225, § 1º, VII, da Constituição Federal sendo contra ao alegar que esse esporte é uma prática que submete os animais à crueldade, os expondo a maus-tratos.

Conforme citado, O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. Portanto, o Estado por meio da Constituição apresenta dispositivo de apoio a vaquejada pois ela é uma cultura e uma esporte. Além, desse dispositivo constitucional há outros como o seu art. 216 que conceitua como patrimônio cultural: “Os bens de natureza material ou imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico”.

A cultura popular é a expressão mais legítima e espontânea de um povo e é o resultado de uma interação contínua entre as pessoas pertencentes a determinadas regiões. A festa da vaquejada era, segundo Câmara Cascudo (1976, p. 17), a data festiva mais tradicional do ciclo do gado nordestino, uma exibição de força ágil, provocadora de aplausos e criadora de fama. Portanto, a vaquejada é uma manifestação cultural nordestina, um combate entre o homem e o boi, que difunde a cultura da região. Dessa forma, está amparada pelo disposto no art. 215, § 1º, da Constituição Federal.

O Supremo Tribunal Federal realizou uma interpretação ao fazer prevalecer uma regra de direito ambiental sobre o de um direito cultural. A votação dos ministros foi acirrada, seis ministros foram contra a vaquejada interpretando o direito ambiental acima do direito cultural e cinco ministros foram a favor do esporte, considerando o direito cultural e também ressaltando os impactos negativos econômicos. Esse esporte está expandido com mais rigor

pelo Nordeste e demais regiões do Brasil de maneira mais sutil e milhares de famílias sobrevivem diretamente ou indiretamente por causa dessa prática esportiva.

6.1 FUNDAMENTO DA PROIBIÇÃO DA VAQUEJADA PELO STF

O Brasil se comprometeu a proteger o meio ambiente que é amplo e engloba não somente o meio ambiente natural e também o meio ambiente artificial, cultural e do trabalho. Várias leis foram criadas tratando dessa matéria uma delas foi a Lei da Política Nacional do Meio Ambiente, lei nº6.938/81, dando início ao desenvolvimento do Direito Ambiental brasileiro. Na sequência, surge a Lei nº 7.347/85 que disciplina a ação civil pública de responsabilidade por danos ao meio ambiente.

Conforme o art. 225 da CF/88, todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as gerações presentes e futuras. Esse instituto jurídico constitucional visa a sustentabilidade para as presentes e futuras gerações por meio de normas coercitivas e reguladoras das atividades humanas para manter sustentável o meio ambiente.

Atualmente, várias condutas vêm sendo consideradas como criminosas como briga de galos, privação de pássaros do meio ambiente entre outras condutas do homem que foram tipificadas. Um dessas condutas polêmica é a proibição da vaquejada que foi discutida porque para os defensores causa sofrimento físico e mental ao animal, o boi. Em 8 de janeiro de 2013, a casa legislativa estadual do Ceará aprova a lei nº 15.299/13 que regulamenta a vaquejada como um esporte. Mas ainda assim não existia uma lei federal que regulamentasse e havia discussões diante a matéria, o fato.

Esses debates foram se prolongando até 6 de outubro de 2016 por meio dos votos dos ministros do STF declarar inconstitucional a lei 15.299/13 do Ceará e proibi para os demais estados a atividade esportiva, vaquejada. A votação foram 6 a favor da proibição e 5 contras de um total de 11 ministros que compõem o STF. Os a favor da proibição argumentaram o sofrimento do animal que a constituição os protegem desse sofrimento conforme o art. 225, § 1º, VII, segundo o qual incumbe ao Poder Público proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais à crueldade.

Já os contra a proibição e a favor da regulamentação argumenta que a vaquejada é um elemento arraigado em nossa cultura, ampara pelo dispositivo da Constituição Federal, art.215, § 1º que consta que o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” e que “o Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional. Além disso, fomenta o turismo, dinamiza a economia local com gerações de vários empregos sazonais e outros permanentes.

6.2 REGULAMENTO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE VAQUEJADA

O regulamento da associação brasileira de vaquejada visa unificar as regras, estabelecendo normas de realização dos eventos e garantindo o bem-estar do animal. Ele também define procedimentos e estabelece diretrizes que garantem o andamento do esporte por meio do controle e prevenção sanitário-ambientais e de segurança geral.

Segundo o regulamento, define o esporte e os conceitos:

- a) vaquejada – atividade recreativa-competitiva, com características de esporte, no qual dois vaqueiros tem o objetivo de alcançar e emparelhar o boi entre os cavalos, conduzi-lo até o local indicado, onde o animal deve ser derrubado;
- b) vaqueiro-puxador – competidor responsável por entrelaçar o rabo do boi entre as mãos e derrubá-lo na faixa;
- c) vaqueiro-esteireiro – competidor responsável direcionar o boi e condicioná-lo até o local da faixa, emparelhando-o com o vaqueiro-puxador, além de entregar o rabo do boi ao vaqueiro-puxador;
- d) faixa – linhas paralelas, com distância de 9m entre uma e outra, onde o boi deve ser derrubado;
- e) valeu o boi – expressão que caracteriza o êxito do competidor; f) zero – expressão que caracteriza a ausência de êxito do competidor;
- g) parque de vaquejada – arena onde acontece a vaquejada;
- h) brete – local onde ficam os bovinos antes de correr;
- i) curral de espera – local onde ficam os bovinos antes ou depois da corrida;
- j) rodízio – forma de organização do evento, que estabelece o número de competidores que estão na pista naquele momento;
- k) disputa final – fase onde serão definidos os vencedores da vaquejada.

Esse mesmo regulamento classifica os competidores em quatro classes. A primeira classificação é o aspirante que é o competidor iniciante, aquele de desempenho regular, ou seja, é o competidor inferior no esporte vaquejada. A segunda classificação é o amador que é competidor que nunca tenha apresentado, treinado, ensinado ou assistido, direta ou indiretamente, o treinamento de cavalo, visando remuneração ou qualquer compensação. O

amador também não pode ter sua atividade profissional principal ligada diretamente à lida com o cavalo (trato, doma, etc.). Já a terceira classificação é intermediário que é a categoria anterior à profissional e a última classificação é o profissional que é o competidor remunerado ou não, que tenha participado (direta ou indiretamente), nos últimos 3 anos, de apresentação, treinamento, condicionamento, ou, de qualquer forma, realizado trabalhos profissionais de doma com cavalos, ou ainda, competido na classe aberta com cavalos de terceiros ou mediante patrocínio.

Nas regras da associação, as classes aspirantes e intermediários são consideradas categoria de entrada, de maneira que, preenchidos os requisitos de entrada na categoria imediatamente superior, amador e profissional, seja por somas ganhas ou por condições técnicas, o competidor será considerado automaticamente qualificado para a nova categoria. Se o competidor aspirante ou amador consiga entrar em 4 vaquejadas durante o mesmo ano, em qualquer categoria subsequente a sua, automaticamente subirá de categoria. Esse requisito fica excluído para a categoria intermediária. Outro critério é o da admissão da classe feminina, em que o puxador necessariamente será do sexo feminino, enquanto que o batedor de esteira poderá ser do sexo masculino. Outra regra para a classe feminina é que todas as competidoras participarem sem distinção entre aspirante, amador, intermediário ou profissional.

Conforme a associação brasileira de vaqueiros (ABVAQ), as condições de apresentação dos animais na categoria profissional será a senha do cavalo, a cada competidor poderá apresentar até três animais diferentes. Já nas categorias aspirante, amador e intermediário a senha será a do competidor e somente poderá apresentar um único animal. Referente à fiscalização das condutas proibidas, o regulamento julga que:

O competidor deve apresentar sua luva, antes de correr, para que seja aprovada e identificada por uma equipe especialmente designada pelo promotor do evento e deve ser baixa ou, no máximo com 5cm de altura no pitoco (ou toco), sem quina, nem inclinação, não sendo permitido o uso de luvas de prego, ralo, parafusos, objetos cortantes ou qualquer equipamento que o Fiscal julgue danificar a maçaroca. Mesmo a luva previamente vistoriada e aprovada pelo fiscal, pode ser rejeitada pelo juiz de prova caso este verifique que o equipamento está causando danos aos animais, ocasião em que o competidor terá que a substituir imediatamente, sob pena de "0". (ABVAQ)

Segundo a ABVAQ relacionado a proteção do animal, sob pena de "0", os cavaleiros não poderão bater; tocar sua face; apoiar-se em seu lombo e o boi é intocável, salvo para evitar a queda do vaqueiro. Outra observação é que logo após a apresentação, os competidores

não poderão açoitar os cavalos, voltar o seu cavalo na faixa ou escantear. Do mesmo modo, não poderão bater, esporear ou ainda puxar as rédeas e os freios de modo a machucar o animal, ficando, a dupla, sujeita a "0".

A associação poderá tomar medidas de punição, inclusive, para eliminar da classificação, da etapa ou dos circuitos que adotem este regulamento, os participantes (vaqueiros, juízes, locutores e qualquer outro profissional), que desrespeitarem, com ofensas morais, sejam verbais ou físicas, competidor, a comissão do parque, ou os profissionais que tiverem trabalhando para a realização da etapa. Para que tais medidas sejam tomadas, será necessária a apresentação de representação por escrito, quando o presidente da ABVAQ nomeara uma comissão composta por 3 associados que, analisando as provas e garantindo o direito à ampla defesa, decidirá sobre a punição ao competidor transgressor. As possíveis punições dependem da gravidade do fato que poderá acarretar advertência por escrito; perda dos pontos e da classificação na vaquejada; suspensão do direito de participar de vaquejadas que adotam o regulamento da ABQM por prazo máximo de três anos; banimento definitivo das vaquejadas que adotem este regulamento. Essa pena de banimento poderá ser revista pela ABVAQ decorridos cinco anos do início do cumprimento da punição.

Essa medida do regulamento para punir condutas proibidas tem o intuito de preservar o bem-estar social. A ABVAQ consta o seguinte para proteger os animais:

Os promotores dos eventos, suas equipes de apoio e organização, assim como os competidores, tem obrigação de preservar os animais envolvidos no esporte, sendo que qualquer maltrato proposital aos bois e cavalos acarretará a responsabilização daquele diretamente envolvido na ocorrência. É proibido uso de instrumentos cortantes, que possam provocar qualquer sangramento nos animais em competição, notadamente o uso de bridas, esporas, chicotes ou outros equipamentos que provoquem dor aguda ou perfuração. Também é proibido tocar o boi com equipamentos de choque, perfuro-cortantes ou que causem qualquer tipo de mutilação e/ou sangramento no animal, esteja o boi dentro do brete, no curral de espera ou dentro da pista de competição. É proibido o uso de bois que estejam, no momento da corrida, com sangramento aparente. (ABVAQ)

Outro critério estabelecido pelas normas da associação é que durante a competição, deverá ser disponibilizada, para os bois, água e comida em quantidade e qualidade condizentes com a manutenção da saúde dos animais.

Segundo as normas da ABVAQ, o peso da boiada será de, no mínimo, doze arrobas médias para classificação, e dezesseis arrobas médias para a disputa final e é obrigatório, durante todo o evento, a manutenção de uma equipe veterinária à disposição dos

competidores. Essa equipe também deverá acompanhar o tratamento dos bois e cavalos que adoecem ou, por ventura, se acidentem durante a vaquejada, tomando todas as providências necessárias à manutenção da saúde dos animais.

Outro ponto que o regulamento da associação se preocupa são com os equipamentos de proteção de uso obrigatório por todos os competidores e sob pena de “0” e cuidados médicos. Esses equipamentos são o capacete, camisa, calça comprida e botas, sendo desde o início, e durante todo o evento e devendo também ter disponibilizada equipe de atendimento paramédico e ambulância com toda a estrutura necessária para atendimento de urgência e emergência dos presentes.

7. CARACTERIZAÇÃO ECONÔMICA

A decisão do STF declarada inconstitucional a Lei Estadual do Ceará, de nº 15.299/13 que tratava da regulamentação das vaquejadas como práticas esportivas foi considerada proibida. Segundo Ivanir Bortot (2016), os magistrados adotaram a decisão pela proteção dos maus tratos às vacas e bezerros, mas acabaram atingindo em cheio a atividade esportiva e cultural do cavalo, um negócio que movimenta mais de R\$ 14 bilhões por ano.

Para este mesmo autor, o cavalo quarto de milha, por exemplo, é um animal de utilizado em atividade esportiva de rede e em vaquejada. O empresário Renir Piva, do Haras São Benedito da Cruz Alta, no Distrito Federal, criador do quarto de milha, estima em R\$ 200 milhões a comercialização de 400 mil animais desta raça 2016. Piva acredita que haverá impactos significativos na demanda de animais no futuro se persistirem as restrições das vaquejadas. A mesma preocupação tem Otávio César Saldanha, criador de cavalo da raça crioula no Rio Grande do Sul (RS). ”Sem falar da importância que o cavalo tem nas manifestações das nossas tradições culturais”, diz Saldanha. Quando somadas todas as raças de cavalos, o Brasil possui hoje 5,5 milhões de animais, na posição de quarto maior produtor mundial, perdendo apenas para Estados Unidos, China e México, um negócio que deve gerar receitas R\$ 14 bilhões em 2016

O preço de um bem ou um serviço é definido também pela quantidade demandada, se há uma elevação na demanda, provavelmente aumentará o preço. A ascensão do esporte vaguejada nas últimas duas décadas inovou as técnicas e adotaram cavalos de raças para aperfeiçoar o desempenho nas atividades esportivas, sendo a raça Quarto de Milha a mais

demanda por que este animal apresenta características adequadas para esporte como a versatilidade na pista da vaquejada. A raça Quarto de Milha transformou-se numa indústria, vários criadores difundidos pelo Brasil. A Tabela Abaixo demonstra a população de cavalos por estados.

Tabela 1: População e registro de cavalos de raça Quarto de Milho por estados no ano de 2014 e 2015.

	População de cavalos		Registro no ano	
	2015	2014	2015	2014
Acre	767	633	134	13
Alagoas	6.123	5.607	516	495
Amapá	21	12	9	2
Amazonas	73	70	3	12
Bahia	16.424	15.083	1.341	1.433
Ceará	7.098	6.165	933	927
Distrito Federal	2.371	2.109	262	234
Espirito Santos	5.561	5.299	262	340
Goiás	21.172	19.763	1.409	1.540
Maranhão	2.936	2.666	270	220
Mato Grosso	9.602	8.985	617	818
Mato Grosso do Sul	28.616	27.115	1.501	1.065
Minas Gerais	31.317	29.172	2.145	2.095
Pará	3.598	3.381	217	239
Paraíba	10.933	9.348	1.585	1.440
Paraná	43.579	41.155	2.424	2.601
Pernambuco	15.278	13.716	1.562	1.801
Piauí	1.128	979	149	108
Rio de Janeiro	10.925	9.772	1.153	1.766
Rio Grande do Norte	8.345	7.154	1.191	1.044
Rio Grande do Sul	18.436	17.534	902	877
Rondônia	2.021	1.696	325	330
Roraima	51	39	12	0
Santa Catarina	4.585	4.049	536	448
São Paulo	220.267	210.631	9.636	10.554
Sergipe	6.472	5.448	1.024	926
Tocantins	1.981	1.847	134	170
Total Geral	479.680	449.428	30.252	31.498

Fonte: Associação Brasileira de Quarto de Milhas, 2015.

Em todos os estados estão presentes os animais Quarto de Milho e desempenhando alguma atividade dentre o esporte Tambor, Baliza, vaquejada, apartação, Ranch Sorting Livre, Laço Bezerro, Rédeas, Laço de cabeça, Laço de pé, Laço em Dupla entre outros. Dentre esses esportes, o mais popular é a prova de Tambor e a vaquejada. No Nordeste, os estados que

mais possui cavalos dessa raça é o estado da Bahia, de Pernambuco e da Paraíba. O estado que mais possui essa raça é São Paulo 220.267 (duzentos e vinte mil e duzentos de sessenta e sete). O total de animais no Brasil dessa raça é a quantidade de 479.680 (quatrocentos e setenta e nove mil e seiscentos e oitenta). Em 2015, desse total da população desses animais são registrados apenas 30.252 (trinta mil e duzentos e cinquenta e dois).

A Tabela Abaixo demonstra a quantidade de modalidades realizadas nos eventos pelos cavalos da raça Quarto de Milha, porém cada esporte desses possui animais de diversas raças.

Tabela 2: Quantidade de modalidades realizadas nos eventos no ano de 2015.

	Tambor	Baliza	Vaquejada	Apartação	Rach Sorting	Laço Comprido	Laços Bezerro	Rédeas	Laço Cabeça	Laço Pé	Laço em Dupla	Team Penning	Working cow horse	Outras	Total Geral
Alagoas			11												11
Bahia	9		8	1											18
Ceará	3		7		1										11
Distrito Federal	4						4	1	4	4	4				21
Espirito Santos	7														7
Goiás	6						4	1	4	4	4				23
Maranhão	2	1	2												5
Minas Gerais	20	7		10	6			3	3	3	3	9			64
Mato Grosso do Sul	3			8	5	7									23
Mato Grosso					1				2	2	1				6
Paraíba			5												5
Pernambuco			16	1											17
Piauí	2														2
Paraná	36	15			5	2					1			1	60
Rio de Janeiro	17	17					5				3				42
Rio Grande do Norte			33												33
Rio Grande do Sul						11						1		2	14
Santa Catarina	3	3				4					1			2	13
Sergipe	1		8												9
São Paulo	103	33		23	32	1	10	18	11	11	4	18	13	12	289
Tocantins	3														3
Total Geral	219	76	90	43	50	25	23	23	24	24	21	28	13	17	676

Fonte: Associação Brasileira de Quarto de Milhas, 2015.

No ano de 2015 foram realizados 90 eventos oficiais de vaquejada no Nordeste e somente no estado do Rio Grande do Norte foi realizado 33, em Pernambuco foram 15 e Alagoas foram 11. Um dos maiores eventos em Alagoas é na cidade de Inhapi no Parque Diamantina. Inhapi possui aproximadamente 19 mil habitantes, sendo é uma pequena cidade e esse evento movimenta toda essa localidade. A Figura F do apêndice mostra a imagem do evento vaquejada nesse Município de Alagoas.

É importante ressaltar que além da raça Quarto de Milha utilizado na vaquejada, a raça Árabe, Puro Sangue Inglês entre outros são usados. A proibição vai impactar negativamente no valor desses animais e na comercialização deles, diminuindo a dinâmica dessa área da economia. Outro ponto relevante é que a proibição deixará a cultura local da vaquejada de ser apreciada. O livro reconhecido mundialmente de Graciliano Ramos, “Vidas Secas” menciona a vaquejada como uma festividade dos nordestinos. Desta aquela época já se tratava a vaquejada como uma cultura, era um evento atrativo, pois para participar das competições era necessário ter agilidade e prática para obter êxito no final do evento. Sendo que nessa obra o personagem do vaqueiro é o protagonista do romance. Portanto, essa atividade esportiva faz parte da entidade dos nordestinos e é considerado popularmente como um patrimônio cultural brasileiro.

Segundo o site da associação Norte-Riograndense de Criadores de Cavalos Quarto de Milha (ANQM) a proibição da vaquejada impacta negativamente na economia local do Rio Grande do Norte conforme a entrevista dada pela associação dos vaqueiros. Segundo a entrevista abaixo:

A Associação dos Vaqueiros Amadores do Rio Grande do Norte (Assovarn) estima que, havendo o fim das vaquejadas, o que acredita não ocorrer, mais de 20 mil pessoas fiquem desempregadas, representando uma redução de algo em torno de R\$ 30 milhões injetados mensalmente na economia local só de salários. De acordo com o presidente da Assovarn, Paulo Saldanha, ocorrendo o fechamento dos postos de empregos, serão atingidos médicos veterinários, domadores, vaqueiros, caseiros, tratadores, motoristas, cozinheiros, tratoristas, donos de bares, casas de show e artistas, mas que os prejuízos serão ainda maiores, porque a vaquejada movimenta toda uma cadeia econômica. “Esses R\$ 30 milhões mensais são somente em salários de funcionários. Serão mais de 20 mil famílias sem uma fonte de renda. Se levarmos em consideração clínicas, lojas de ração e medicamentos veterinários, leilões, indústria têxtil e todos os profissionais envolvidos na logística, transporte, infraestrutura e operacional, os prejuízos serão muito, mas muito maiores. Serão dezenas de milhares de pessoas desempregadas e de dezenas de milhões de reais a menos circulando na economia potiguar todos os meses”, destacou. Pelos cálculos da Associação, ainda em fase de levantamento, já é possível estimar que a cadeia econômica da vaquejada gere mais de 60 mil empregos indiretos somente no Rio Grande do Norte. No Nordeste, os empregos gerados de forma direta passam de 200 mil e os de forma indireta 600 mil indiretos. (ANQM, 2016)

Ainda sobre a entrevista da ANQM, os responsáveis pelas vaquejadas no Rio Grande do Norte querem desmistificar a acusação de maus tratos, já que atualmente todos os animais são acompanhados por médicos veterinários e todos os eventos possuem um regulamento voltado para o bem-estar do animal, que impede qualquer tipo de violência. Nas vaquejadas oficiais, usam obrigatoriamente, protetor de calda para não machucar o rabo dos bois, os cavalos não podem ter lesões sob pena de desclassificação, o vaqueiro não pode chicotear o animal, o boi é intocável e só pode ser tocado no protetor, os bois tem água e alimentação disponíveis durante as provas, enfim, são várias as regras de proteção ao animal.

8. CONCLUSÃO

Com este trabalho fica possível concluir que a vaquejada representa uma atividade econômico-cultural relevante para a região e que seu reconhecimento como patrimônio cultural imaterial do Brasil, pode trazer segurança para a atividade, mais investimentos nessa modalidade esportiva. Também bem com vai garantir que sejam alocadas as melhores formas de efetivação do esporte, garantindo que o bem-estar animal e a renda dos que dependem dele e para que estes não seja pego de surpresa como no caso do STF, onde os ministros decidiram por meio de votação disputada a proibição da prática da vaquejada e declarou inconstitucional uma lei do estado do Ceará que regulamentava o esporte.

Neste sentido, é possível concluir que a vaquejada representa uma atividade tanto econômica quanto cultural para o semiárido, uma vez que sua prática acontece a mais de um século e há uma identidade local das pessoas com a prática esportiva e também conforme apresentado no trabalho, há uma geração de emprego e renda a partir dessa atividade.

Dessa forma, o reconhecimento desse esporte como patrimônio cultural imaterial do Brasil representa uma demanda antiga das comunidades que dela tiram o seu sustento e tem na mesma como festejo e atividade de entretenimento em localidades onde dificilmente se chegam as políticas públicas de acesso à cultura e faltam opções de entretenimento.

Portanto, a vaquejada se mostra como uma atividade com uma importância econômica para o semiárido brasileiro visto suas características mostradas nesse trabalho, e fazê-la patrimônio imaterial brasileiro trará mais reconhecimento para a mesma, bem como trará uma segurança jurídica para a atividade.

Apêndice

Figura A: Principais atividades do vaqueiro na fazenda



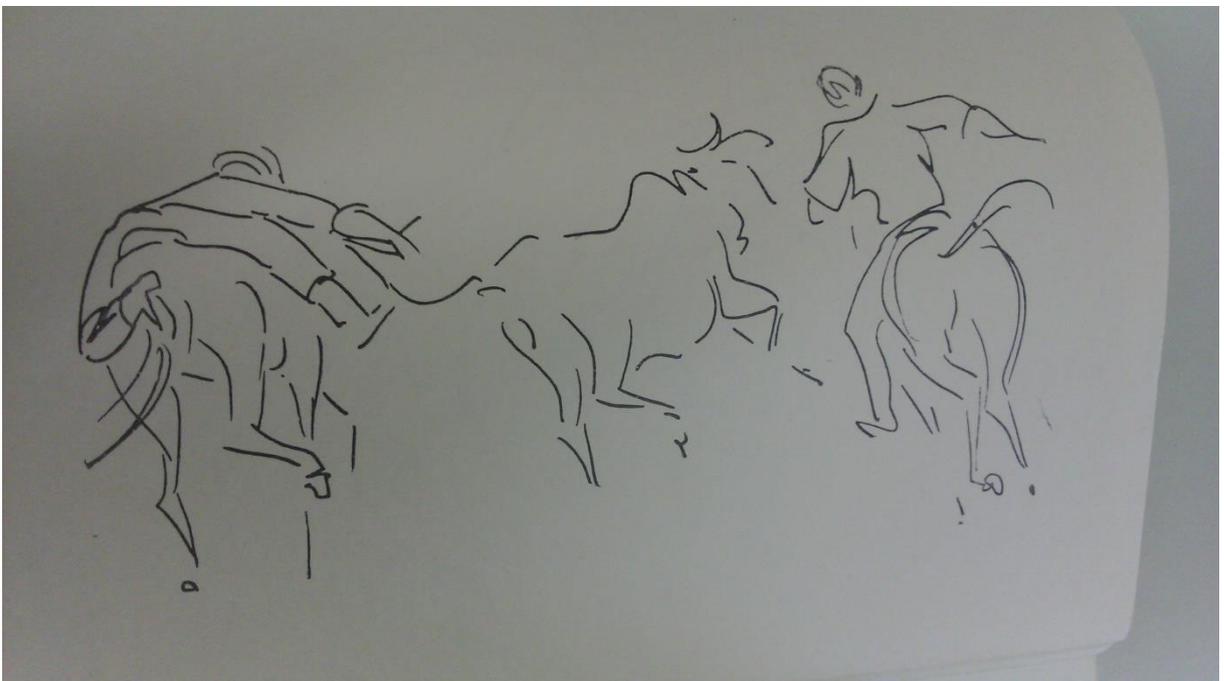
Fonte: Exposição caixa cultural do Recife, 2016.

Figura B: vaqueiro puxando o rabo do boi



Fonte: Câmara Cascudo Natal-RN,1976.

Figura C: dupla de vaqueiros, um derrubador e outro bateador de esteira



Fonte: Câmara Cascudo Natal-RN,1976.

Figura D: Vaqueiro derrubando o boi



Fonte: Câmara Cascudo Natal-RN,1976.

Figura E: Puxador e batedor de esteira derrubando o boi



Fonte: Câmara Cascudo Natal-RN,1976.

Figura F: Derrubada de boi no Parque Diamante, Inhapi-AL



Fonte: Double Zorrero NNF na sela de Adjailson Paiva (Foto: Allan Damasceno).

Figura G: Parque de vaquejada Zequinha Chicote, Brejo Santo-CE



Fonte: Parque Zequinha Chicote, Brejo Santo – CE (Foto: Portal Vaquejada).

Figura H: Vaqueiro com seus trajes montado a cavalo



Fonte: Jatão do vaqueiro.

Anexos

Figura A: Rabo artificial do boi



Fonte: Próprio autor.

Figura B: Bonés de apoio ao movimento da regularização do esporte vaquejada



Fonte: Próprio autor.

REFERÊNCIAS

Livros:

CAMARA CASCUDO, Luís da. **A vaquejada nordestina e sua origem**. Natal: Fundação José Augusto, 1976.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1985.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 22 eds., São Paulo: Editora Nacional, 1987.

Artigos:

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4ª ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009. **Portal do vaqueiro** Disponível em: <http://www.portalvaquejada.com.br/noticias/2016/10/23/requerimento_de_mitidieri_em_favor_da_vaquejada_e> Acesso dia 25 de dezembro, 2016.

A prática da Vaquejada à luz da Constituição Federal de 1988. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/10659/a-pratica-da-vaquejada-a-luz-da-constituicao-federal-de-1988/2>>. Acesso em: 27 de agosto, 2016.

RIBEIRO CRUZ, Mércia Socorro; SANTOS MENEZES, Juliana; PINTO, Odilon. **FESTAS CULTURAIS: Tradição, Comidas e Celebrações**. Disponível em: <http://www.uesc.br/icer/artigos/festasculturais_mercia.pdf>. Acesso em 28 de outubro, 2016.

SILVA, VANDERLEI, Karine; SILVA HENRIQUE, Maciel. **Dicionário de Conceitos Históricos**. Disponível em: <http://www.igtf.rs.gov.br/wpcontent/uploads/2012/03/conceito_TRADI%C3%87%C3%83O.pdf> São Paulo: Ed. Contexto, 2006. Acesso dia 21 de outubro, 2016.

SILVA, Thomas de Carvalho. **Vaquejadas: manifestações das culturas populares ou crime de crueldade e maus-tratos contra os animais** Disponível em: <http://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?pagina=326&idarea=2&id_dh=921>. Acesso em 26 de outubro de 2016 às 14:35min.

VIEIRA, Natã Silva. **Cultura de vaqueiro: o sertão e a música dos vaqueiros nordestinos**. Disponível em: < <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/NataSilvaVieira.pdf>>. Acesso em 29 de outubro, 2016.

Sites:

Associação dos vaqueiros. Disponível em: < <http://www.abvaq.com.br/telas/4>>. Acesso em 18 de novembro, 2016.

Associação dos vaqueiros amadores do Rio Grande do Norte. Disponível em: <<http://assovarn.com.br/noticias.php?id=455>>. Acesso em 30 de outubro, 2016.

Associação Brasileira de Quarto de Milha. Disponível em: <<http://www.abqm.com.br/>>. Acesso em 2 de novembro, 2016.

Doidim por vaquejada: portal do vaqueiro. Disponível em: <<http://doidimporvaquejada.com/site/tudo-pronto-para-a-maior-vaquejada-do-pais-parque-zequinha-chicote-em-brejo-santo-ce-esta-de-portas-abertas/>>. Acesso dia 25 de dezembro, 2016.

G1. STF decide que tradicional prática da vaquejada é inconstitucional. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/10/stf-decide-que-pratica-da-vaquejada-contraria-constituicao.html>>. Acesso em 26 de outubro de 2016 às 14:00min

Jatão do vaqueiro. Disponível em < <http://jataovaqueiro.blogspot.com.br/2011/03/roupa-tipica-de-vaqueiro-nordestino.html>>. Acesso em 1 de janeiro,2017.

Migalhas. Disponível em: <<http://www.migalhas.com.br/Quentes/17,MI246980,11049-STF+Lei+que+regulamenta+vaquejada+no+CE+e+inconstitucional>>. Acesso em 20 de outubro, 2016

Portal do vaqueiro Disponível em: <http://www.portalvaquejada.com.br/noticias/2016/10/23/requerimento_de_mitidieri_em_favor_da_vaquejada_e> Acesso dia 25 de dezembro, 2016.

Regulamento da associação brasileira dos vaqueiros. Disponível em: < <http://www.abvaq.com.br/arquivos/regulamento.pdf>>. Acesso em 28 de outubro, 2016.